



PLÍNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

O Brasil e o Comércio de Café no Oriente Médio Próximo

Deve-se, não há discutir, à iniciativa privada, especialmente, a progressiva sempre crescente de São Paulo. Todos os grandes eventos de nossa terra, tiveram origem no setor privado, podendo-se mesmo afirmar o seguinte: ter sido pioneiro na libertação dos escravos, quando se buscou na imigração o antídoto ao mal de que, então, se ressentia o País. Sempre a iniciativa particular se antecipeu à empresa pública entre nós. Não quer dizer isso que São Paulo se usasse da fração do Poder Público — ou hostilize a ação do Estado, — ação necessária, não há dúvida, mas em caráter supletivo, como geralmente é aceita a interferência oficial entre nós.

Especialmente em matéria financeira é que se assinala essa tendência das nossas atividades. Foi, por exemplo, o Banco privado quem deu forças à praça de Santos, base do nosso comércio com o exterior, e foi o comissário quem fomentou e empurrou a formação dos cafés brasileiros.

Compreende-se, assim, de como nos devemos orgulhar, não menos os elementos da lavoura, do desenvolvimento das nossas instituições de crédito, — iniciativa de crítica por falta de acompanhamento que se faz, cada vez mais necessário dos estabelecimentos de crédito oficiais, a fim não só de facilitar a nossa vida econômica, como de organizar a distribuição de recursos, dentro dos lícitos interesses sociais, públicos e privados, e, portanto, com satisfação que venos o transcurso do jubileu de ouro do Banco Comercial do Estado de São Paulo, instituição cujo progresso é um dos índices mais marcantes da grandeza do nosso Estado.

Projetado o Banco em Santos, no começo de 1912, graças à iniciativa de três grandes sacas, os saudáveis José Paulino Nogueira e Brásmo Teixeira de Assumpção, que ocuparam, e José Teófilo Whitaker, que ocupa hoje a presidência do Comercial, honraram sempre considerados, pelo seu espírito público, honestidade e capacidade de trabalho, com a sua gente. E cónscios das suas responsabilidades, decorrentes mesmo da criação do Banco, os atuais dirigentes do Comercial, à testa do qual, ainda para felicidade nossa, se encontra o atual presidente, José Maria Wotjak, cercado de uma plêiade de jovens assistentes e dedicados funcionários, continuam a tradição da casa, dando a importância devida ao nosso produto-rei, que defendem, a todo o transe, como se pode deprender do seguinte típico de sua última conferência: "Quando ao café — fulcrum Brasileiro gentia — esteio sempre sacrificado de nossa economia, parece não ser impossível de se defender, uma vez que continua a valer nos mercados externos mais do dobro do que aqui se deixa, por misericórdia, ao produtor..."

Numa época difícil como a que atravessamos, essas palavras otimistas são de enorme incentivo para nós lavradores. Alida, essa nota animosa bem caracteriza as diretrizes do Banco, como é para se assinalar nos seus conceitos emitidos em sua fala cinquentária:

"Nossos problemas não são de alta indagação, são meras dificuldades que se vencem, não com discursos, mas com sacrifícios."

Cabe bem aqui assinalar que nos seus primórdios teve o Banco a boa inspiração de procurar elemento técnico estrangeiro, de rara experiência, como o sr. Tomaz Mar, para estruturar a sua nova organização. São essas experiências, de nos servir do ilustre conselheiro de outros no setor econômico, que deram impulso a São Paulo.

Compreende-se que firmemente adirido a essas ideias são, recheadas de esperança no próximo porvir e confiantes no "trabalho eficiente do nosso povo, engrandecido, agora pelas gerações robustas nascidas deste prodigioso acréscimo de sessenta milhões que em setenta anos formou a população brasileira a maior de todas as nações latinas", o Brasil ter o seu destino certo, como certo é, a constituir a ser, graças a Deus, o desenvolvimento desse pedágio nosso, de nossas as paulistas, que é o Banco Comercial do Estado de São Paulo.

Ad multos annos, são os nossos votos. — A. P. G.

Por iniciativa da Diretoria da Sociedade Rural Brasileira, processou-se, em reunião semanal, a exposição do dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, diretor do Departamento do Café, relativa à política de venda de café que tem sido desenvolvida no Oriente Médio e Próximo. Essa exposição teve caráter reservado.

Iniciou o dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque com a demonstração da constante perda de mercados por parte do café brasileiro. «Na primeira década deste século, acentuou, com uma produção média anual de 14 milhões de sacas, exportávamos de 65 a 67% do total consumido, o que equivale a dizer, que juntávamos, então, a um quase monopólio da produção, quase monopólio dos fornecimentos. Já nos anos 40, com a mesma média de produção, baixava o índice das nossas exportações para 52%. Começou, nesse período, a criação e expansão de nova e perigosa área de produção, a produção africana. Constituiu-se a produção do «robusta», quase que inteiramente à custa e em detrimento da cafeicultura brasileira. A uma curva descendente das nossas

exportações, anos 50 com uma produção anual média de 24 milhões de sacas, ano de 1960 com 39%, e 1961 até novembro inclusive com 37,3%, formava-se uma curva de exportação constantemente ascendente da África que de menos de 10% na década 40 atingiu em 1960 cerca de 26%. Faltava ao Brasil uma política orgânica ou planejada de exportação. Tivemos, sem dúvida, administrações caracterizadas por notáveis movimentos de penetração externa do café, como as do dr. Renato da Costa Lima e, no momento, a proveitosa administração do sr. Embaixador Sérgio Armando Frazão, mas movimentos intermitentes, que denunciavam a existência de direções eficientes mas, lamentavelmente, inexistência de efetiva programação de uma política externa de vendas do café brasileiro».

Em seguida demonstrou o orador a invalidade de alguns juizes de valor, em relação à produção «robusta», que tendiam a limitar a capacidade competitiva daquela área cafeicultora. Em primeiro lugar, a expectativa de que, com a independência política, se en-



A lavoura de café da Freguesia do O', pertencente ao Sr. Thomaz Cruz, foi formada de acordo com as técnicas da moderna agronomia. Na foto observa-se o plantio em cordões de contorno, para preservação da fertilidade do solo.